

DO NILISMO À EXPERIÊNCIA TOTALITÁRIA

Elvis de Oliveira Mendes¹

RESUMO: O presente artigo pretende mostrar de que maneira o filósofo político teuto americano Leo Strauss tenta por meio de uma reflexão acerca do fenômeno histórico da tirania, desenvolver uma compreensão maior do advento dos totalitarismos do século XX, o que o filósofo veio a chamar de “tirania de nossos tempos”. Deste modo, o esforço empreendido aqui por Strauss é o de traçar uma espécie de leitura sobre, ou uma investigação de quais seriam, por assim dizer, as raízes intelectuais dos regimes totalitários e, sobretudo, do nazismo.

Palavras-chave: Niilismo, Leo Strauss, Tirania, Totalitarismos, Nazismo.

ABSTRACT: The present article aims to show how the Teutonic American political philosopher Leo Strauss tries by means of a reflection on the historical phenomenon of the tyranny, to develop a greater understanding of the advent of the totalitarianisms of the twentieth century, what the philosopher came to call "tyranny of our times". Thus, Strauss's effort here is to trace a kind of reading about, or an inquiry into, what are, so to speak, the intellectual roots of totalitarian regimes and, above all, of Nazism.

Keywords: Nihilism, Leo Strauss, Tyranny, Totalitarianism, Nazism.

Introdução

A escolha de um nome como o de Leo Strauss para efetuar uma abordagem séria de um dos mais importantes, complexos e polêmicos temas da história recente não é de maneira alguma uma escolha arbitrária ou inócua. De fato, a escolha de uma das mais importantes mentes da filosofia política do século XX se dá devido à magnitude da reflexão por ela produzida, reflexão esta que o presente ensaio pretende analisar, em um de seus aspectos. Ora, para dar início adequadamente a esse procedimento, é preciso compreender que estamos diante de um filósofo alemão de origem judaica, filho de uma Alemanha em que os judeus viveram um período profundamente marcado por um sentimento de esperança e prosperidade, o sonho de uma vida nova, de um futuro melhor para seus filhos e netos, sentimento sem precedentes para o povo judeu, cuja história havia sido marcada até aquela época pela vida nos cativeiros e guetos. Não obstante, o sonho

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. (elvis.oliver@live.com) Meus agradecimentos ao prof. Dr. Richard Romeiro Oliveira (UFSJ) pela revisão final deste artigo.

de um lar para *quae beata vita* viria a se tornar um pesadelo marcado pela perseguição, humilhação, tortura e morte em massa. Esse episódio obscuro e brutal, que marca fatalmente não apenas a história da Europa, mas a história da humanidade, é de igual maneira uma página triste que marca diretamente e de forma seminal toda a vida de Strauss, já que os acontecimentos funestos da Alemanha da década de 1930 foram sentidos como “navalha na carne” desse até então desconhecido acadêmico alemão, que posteriormente viria a se tornar um dos maiores teóricos políticos do século XX².

Neste contexto, os eventos ocorridos na década referida mudaram indubitavelmente, para sempre, o curso da vida de Strauss, e pode-se dizer que tal mudança de curso deu novos contornos ao seu pensamento, o que se desvela como fator decisivo para o entendimento da construção de sua obra intelectual. Ora, com a ascensão do nacional socialismo alemão em 1933, Strauss, por sua descendência judaica, se tornara *persona non grata* em plena terra natal. Diante deste cenário, fugir para longe dali, assim como deixar parentes e amigos para trás, se configurou como uma estratégia de sobrevivência. A exemplo de outros *germans émigrés* como Arendt, Voegelin, Löwith, e vários outros que fugiram da perseguição de cunho antissemita que se propagou pela Europa, Strauss recebeu não apenas exílio nos EUA, mas uma nova pátria que o acolheu e forneceu as condições necessárias para a continuação e posterior florescimento de um edifício intelectual grandioso³.

Assim, levando em conta esses elementos, nosso objetivo aqui será o de tentar refletir à luz das contribuições deste filósofo político sobre algumas importantes e difíceis questões acerca da ascensão e legitimação dos regimes totalitários e das políticas extremas da primeira metade do século passado, no intuito de refletir acerca de algumas questões centrais como: quais fatores causaram isso? Como todos foram convencidos? Quem autorizou esses regimes? Que fatores emocionais contribuíram para tal? Evidentemente, não é a pretensão do presente ensaio responder a cada uma dessas questões de forma exaustiva, pois isso exigiria a efetuação de desenvolvimentos analíticos que não caberiam nos limites deste breve ensaio. A nossa pretensão aqui é, ao contrário, de certa maneira, bem mais modesta, o que não quer dizer menos complexa, qual seja: refletir a partir da visão straussiana acerca das raízes intelectuais que tornaram a crença

² Ver sobre isso: VILLA, D. The Philosopher versus the Citizen: Arendt, Strauss, and Socrates. In: VILLA, D. *Politics, Philosophy, Terror*. Princeton: Princeton University Press, 1999. pp. 155-179.

³ Sobre a trajetória de Strauss ver: BLOOM, A. “Leo Strauss: September 20, 1889 – October 18, 1973”. *Political Theory* v. 2, no. 4 (1974), p. 372-392.

nos regimes totalitários uma crença consistente. Sendo assim, as questões supramencionadas nos servirão, portanto, de fio condutor e de objeto para nossa abordagem.

Como já foi mencionado anteriormente, tentaremos refletir acerca dessas difíceis questões tendo como horizonte norteador o pensamento filosófico de Leo Strauss. Recorrendo a esse referencial straussiano, tentaremos seguir outra direção, ou melhor, tentaremos buscar outra forma de abordagem desse polêmico assunto, forma de abordagem que de certa maneira não se limite apenas a uma busca de culpados, monstros e criminosos. Definitivamente, o esforço empreendido aqui tentará ir além das interpretações ordinárias (historicizantes) comumente elaboradas, que quase em sua totalidade reduzem os debates acerca desse assunto a uma espécie de “caça às bruxas”, ou de “demonização” do passado, ou, se se preferir; de crucificação dos culpados, procedimento que quase sempre, com raríssimas exceções, desemboca em um anacronismo de caráter totalmente maniqueísta. Definitivamente, não é esse nosso objetivo aqui.

Neste sentido, no que diz respeito ao fenômeno dos totalitarismos, Strauss parece ser bastante realista, evitando assim, o já mencionado reducionismo histórico. De toda sorte, o professor de Chicago não busca culpados, mas tenta compreender a totalidade do fenômeno em seus vários desdobramentos. Seguindo esta orientação, tentaremos, antes de tudo, entender o tipo de sociedade e o tipo de homem que surge com o advento da modernidade. Ora, para Strauss para compreender minimamente os fatores que geraram a *conditio sine qua non* que guiou o mundo à loucura de duas guerras mundiais e ao banho de sangue que marcam o século XX, tal compreensão só é possível se entendermos a *raison d'être* das ideologias que brotam com a consolidação das ciências modernas. Para Strauss, parece claro que os valores e crenças cultivados pelo homem moderno ou pelo *Zeitgeist* da modernidade⁴, quais sejam, as crenças no “mito do progresso”, no racionalismo exacerbado e na supervalorização da ciência e da técnica, somadas ao forte sentimento de ovação das identidades nacionais (*volkgeist*) e clamor de teorias igualitaristas de caráter fortemente salvífico e messiânico, foram alguns dos elementos necessários para a configuração dos eventos nefastos que estariam por eclodir. Observando esses elementos, Strauss julga que sua combinação estava fadada a culminar no espetáculo mais brutal da história.

⁴ Ler sobre isso: ROSEN, Stanley. Leo Strauss and the Problem of the Modern. In Smith, Steven B. (ed.), *The Cambridge companion to Leo Strauss*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 119-136.

Dando desenvolvimento à nossa análise, podemos dizer que, na medida em que a experiência das políticas extremas marca de forma decisiva a filosofia política de Leo Strauss, não nos surpreende que o mesmo tenha dedicado parte de sua obra ao tema da perseguição e ao problema das relações entre a política e a filosofia, no intuito de evidenciar o conflito entre o filósofo e a cidade⁵ e, com isso, ressaltar a periculosidade das ideias filosóficas quando transformadas em um instrumento meramente pragmático e político, isto é, quando convertidas em uma prática mundana, ativista e interessada, levada às últimas consequências. Embora Strauss não possua nenhuma obra dedicada exclusivamente ao tema dos totalitarismos, esse tema, não obstante, aparece ora tacitamente, ora explicitamente em muitos de seus escritos de forma fragmentária, o que não diminui o seu rigor filosófico no trato do assunto, sobretudo no que diz respeito ao trabalho de compreensão do nazismo, do fascismo e do comunismo, entre outros assuntos análogos. Pode-se dizer, assim, que Strauss em sua carreira intelectual se dedicou de forma comprometida e insistente a uma aguda reflexão acerca do fenômeno totalitário, o qual pretendeu caracterizar com o nome de “tirania moderna”. Ora, tal dedicação consequentemente lhe rendeu uma fecunda e frutífera produção de escritos que nos oferecem interpretações sérias e, sobretudo, capazes de *insights* originais.

A Modernidade e a Gênese do ideal totalitário

Na carreira intelectual de Strauss, é facilmente constatado em suas obras sua insistência no tema da “crise da modernidade” ou no que ele veio a chamar de “crise de nosso tempo” ou “crise da civilização ocidental”. De fato, estes termos são comuns e aparecem de forma visível em seus escritos. Ao ver de Strauss, a pretensão de construção de um mundo melhor fundado unicamente pela racionalidade, livre das desigualdades e das mazelas humanas, um paraíso construído neste mundo através da ciência e do advento da razão filosófica, se mostrou como um empreendimento problemático, por ser resultado de um desejo ingênuo e imprudente que gerou consequências catastróficas para humanidade, fracassando em suas principais promessas⁶. Ainda neste mesmo sentido, vale observar que para Strauss esta crise foi diagnosticada adequadamente no tempo da

⁵ Sobre isso considerar a introdução e o capítulo I de: STRAUSS, L. *Perseguição e a arte de escrever: e outros ensaios de filosofia política*. Trad. Hugo Lagone – 1. Ed. – São Paulo: É Realizações, 2015, pp.17-30.

⁶ Ler sobre isso: STRAUSS, L. *The City and Man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992 (1964), p. 1-12.

primeira guerra mundial pelo historiador alemão Oswald Spengler como a decadência ou declínio do Ocidente. Tal fenômeno está associado em considerável medida com a perda dos desígnios, ou melhor, com a perda de direção dos homens que fazem parte da civilização ocidental.⁷ Sobre isso, Strauss explica que:

A crise da modernidade se revela no fato, ou consiste no fato de que o homem ocidental moderno não sabe mais o que ele quer - que ele não acredita mais que possa saber o que é o bem e o mal, o que é o certo e o errado. Até poucas gerações atrás, era geralmente tido como garantido que o homem poderia saber o que é o certo e o errado, o que é o justo ou o bem ou a melhor ordem social – em suma, acreditava-se que a filosofia política era possível e necessária. Em nosso tempo essa crença perdeu seu poder⁸.

Dito isto, Strauss nos mostra toda problematidade relacionada ao advento da decadência da filosofia política a partir dos últimos fôlegos da modernidade. Para ele, a ascensão e consolidação de correntes de pensamento como o positivismo e o historicismo teriam eclipsado completamente a possibilidade da filosofia política, se não a possibilidade da própria filosofia⁹. Mas que relação existiria entre a “morte da filosofia política” e o surgimento e legitimação dos regimes totalitários? Ora, para responder a essa importante questão é necessário esclarecer antes de mais nada que, para Strauss, esses dois acontecimentos estão intrinsecamente ligados, uma vez que para o filósofo a crise da civilização ocidental está intimamente conectada com o fenômeno do niilismo moderno. Todavia, o niilismo é um dos aspectos mais corrosivos e devastadores que implode o edifício moral do *establishment* social do Ocidente, porque ataca diretamente a tradição e todos os valores e verdades morais sobre os quais a sociedade ocidental até então se assentou.

Diante disso, o niilismo desvelado pelas correntes racionalistas oriundas do pensamento moderno já citadas, a saber, o positivismo e o historicismo, tornou acessível ao homem comum toda falta de sentido e orientação da vida humana. Este fenômeno, na

⁷ STRAUSS, L. *An Introduction to Political Philosophy: Ten essays by Leo Strauss*. [Ed. Hilail Gildin]. Detroit: Wayne State University Press, 1989, p. 81-82.

⁸ Ibidem, p. 81. “The crisis of modernity reveals itself in the fact, or consists in the fact, that modern western man no longer knows what he wants – that he no longer believes that he can know what is good and bad, what is right and wrong. Until a few generations ago, it was generally taken for granted that man can know what is right and wrong, what is just or the good or the best order of society – in a word that political philosophy is possible and necessary. In our time this faith has lost its power” (Tradução livre)

⁹ Cf. STRAUSS, L. *Direito natural e história*. Trad. Bruno Costa Simões: São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 17-18.

visão de Strauss, acabou com qualquer possibilidade de se distinguir entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado, entre outros valores que possibilitariam a busca racional do melhor regime ou da boa sociedade, assim como *quae optimaes leges, quae optimaes respublica*. Sendo assim, o vácuo deixado pelo niilismo e pelo caráter estritamente científico característico da modernidade gerou as bases necessárias para uma mudança radical na mentalidade do homem comum, cultivando um terreno fértil para a consolidação de ideologias e crenças de construção da sociedade perfeita a qualquer custo, no seio do imaginário popular. Sendo, então, a construção de uma sociedade perfeita algo possível através da racionalidade científico-filosófica única e exclusivamente, qualquer projeto político poderia ser de fato confabulado, sobretudo apoiado e legitimado por maioria popular, o que torna os meios para alcançá-lo algo de segundo plano, ou sem importância alguma diante de seus fins, a saber, um ganho social grandioso e inestimável¹⁰.

Ora, para Strauss o cientificismo moderno é responsável por uma ruptura radical com o modo antigo ou pré-moderno de ver o mundo, qualquer explicação metafísica ou religiosa perdeu completamente seu esteio diante das respostas paradigmáticas que surgem com os avanços incontestáveis da *nuova scienza*. Diante disto, paulatinamente essa substituição das verdades morais pela cientificidade (neutra em relação a valores) abriu a brecha necessária para o esvaziamento de sentido da existência humana e levou conseqüentemente ao desenvolvimento de um galopante e devastador relativismo nos mais variados âmbitos das sociedades ocidentais contemporâneas¹¹. Assim, os regimes totalitários teriam aparecido como alternativa de preenchimento deste vácuo, na maioria dos casos impulsionados por um discurso carismático e substancialmente moralista, marcado por um *pathos* salvífico e gerador de uma caricatura messiânica, defensora da classe trabalhadora, da família, da igualdade e do amor patriótico. De fato, em várias partes do mundo a crença nas políticas extremas e na figura do chefe nacional, do líder ou do pai acolhedor foi o fio de esperança que iluminaria o caminho do povo rumo a um futuro de progresso, prosperidade e abundância.

Vale dizer que os totalitarismos surgem e ganham muita força em um período de muitas dificuldades sociais e econômicas. De fato, sabe-se que o período entre guerras em países como Alemanha e Itália é caracterizado por grandes dificuldades financeiras, humilhação (como o tratado de Versalhes, por exemplo) e descrença em todas as

¹⁰ Cf. STRAUSS, L. *What is Political Philosophy?* Chicago: University of Chicago Press, 1988, p. 26-27.

¹¹ Ler o que Strauss diz sobre isso em: STRAUSS, L. *Direito Natural e História*, pp. 43-96.

instituições representativas. Neste contexto, qualquer aspiração liberal ou democrática já não fazia mais sentido nenhum no contexto do caos vivido nas sociedades Europeias do período pós-primeira guerra. As sociedades ocidentais pareciam sinalizar ter, assim, perdido seu norte, o que fez a crença nas ideologias “salvadoras” da nação parecer uma saída real, elemento que se configurou como necessário para a ascensão de políticas extremas com forte aprovação e clamor popular.

Sendo assim, para Strauss os tristes episódios que deram contornos ao espetáculo de horror da primeira metade do século XX não se explicam exclusivamente como produto de mentes mórbidas ou de personalidades problemáticas, donas dos mais sórdidos desejos. Na verdade, a experiência totalitária seria um fenômeno social e político complexo e de difícil compreensão, sobretudo quando levamos em consideração a aprovação da maioria popular. Para Strauss, como já foi mencionado anteriormente, a permissão popular para a consolidação dos totalitarismos é, em considerável sentido, consequência do niilismo moderno, efeito de um vazio ou de uma falta de sentido total para a vida humana, o qual se explica pelo eclipse da metafísica e das explicações teológicas. Sobre isso, a comentadora canadense Shadia Drury explica que na visão de Strauss:

O Ocidente está em declínio por que se tornou presa do niilismo. O niilismo é simplesmente a crença que todos os valores ou fins são de igual valia, ou que não existe nada intrinsecamente mais nobre ou bom em detrimento de outro. Os valores de nossa própria civilização não são superiores a nenhum outro, por que todos os valores são igualmente infundados e assim igualmente sem valia. Todos os valores são convenções, ideologias, interpretações, ficções ou produtos da vontade de poder. Niilismo é uma profunda indiferença com as distinções entre bem e mal, nobre e baixo¹².

Ainda de acordo com Drury, Strauss não está sugerindo que para ser saudável uma sociedade deve acreditar na viabilidade de uma sociedade universal e próspera. Antes, a visão straussiana é de que a higidez de uma ordem social depende do fato de que ela acredite em seus próprios ideais e princípios¹³. Não obstante, se o niilismo moderno é

¹² DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 (1987), p. 162. “The West is in decline because it has fallen prey to nihilism. Nihilism is simply the belief that all values or ends are of equal worth, or that there is nothing intrinsically more noble or good than any other. The values of our own civilization are not superior to those of any other, because all values are equally groundless and hence equally worthless. All values are conventions, ideologies, interpretations, fictions or products of will to power. Nihilism is a profound indifference to the distinctions between good and evil, noble and base”. (Tradução livre)

¹³ Cf. *Ibidem*, p. 162.

a fonte desta falta de sentido ou desta falta de direção dos homens, a raiz do problema estaria na questão: como o niilismo foi desvelado? Para Strauss, a fonte do niilismo moderno, ou de seu desvelamento, está no historicismo, ou no forte caráter idealista do pensamento moderno, como já podemos perceber na crítica de F.H. Jacobi ao idealismo Alemão¹⁴. Antes de Nietzsche, Jacobi em suas *Cartas sobre o Niilismo* apontou, assim, para os perigos do niilismo moderno. Observando isso, percebemos que não é à toa que Strauss às vezes usa os termos historicismo, niilismo e relativismo como sinônimos, como se ele descrevesse um ou o mesmo fenômeno¹⁵. Portanto, para ele (Strauss) o historicismo é amplamente responsável pelo niilismo moderno ou por seu desvelamento, e assim pela crise moderna¹⁶.

O Niilismo alemão e o Nacional Socialismo

O fenômeno dos totalitarismos, por motivos óbvios, não é, de fato, um fenômeno exclusivamente alemão, de forma que não se trata aqui de reduzir esses acontecimentos ao contexto da história alemã. No entanto, para que não fiquemos caminhando em círculos, neste momento nos deteremos em uma expressão fundamental na visão de Strauss para a compreensão de um fenômeno ainda mais primevo e central, a saber: o niilismo alemão¹⁷.

Para Strauss, a ascensão do nacional socialismo alemão é, antes de tudo, uma consequência de um fenômeno muito maior e complexo chamado niilismo alemão. Para Strauss o niilismo tem raízes muito mais profundas que os discursos de Hitler, a derrota da Alemanha na Guerra Mundial e tudo que se relaciona com isso¹⁸. O nacional socialismo seria, então, apenas uma forma politizada de niilismo, uma forma de niilismo vulgar que se tornou mais famosa e popular. Decerto, a fim de iluminar nosso caminho em direção a uma melhor compreensão deste fenômeno devemos entender de forma mais adequada o que é niilismo. Ora, esclarece Strauss, por niilismo entenda-se o *velle nihil*; o querer o nada ou a vontade de nada, a destruição de tudo, inclusive de si mesmo, e,

¹⁴ Ler: JACOBI, Friedrich Heinrich. *Cartas a Mendelssohn / David Hume / Carta a Fichte*. Trad. José Luis Villacañas. Barcelona: Círculo de Lectores, 1996.

¹⁵ DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*, p. 163.

¹⁶ *Ibidem*, p. 163.

¹⁷ Strauss possui um longo e esclarecedor ensaio sobre esse assunto, escrito em 1941 em plena Segunda Guerra Mundial no início de seu exílio nos EUA, este ensaio foi publicado mais recentemente pela *Interpretation* – a journal of political philosophy em 1999. Consultar: STRAUSS, L. *German Nihilism*. Editado por David Janssens e Daniel Tanguay. *Interpretation*, Spring 1999, vol. 26, nº 3.

¹⁸ STRAUSS, L. *German Nihilism*, p. 357.

portanto, primariamente a vontade de autodestruição¹⁹. Esse sintoma se revelaria na corrida armamentista característica do fim do século XIX e começo do século XX, o que resulta, segundo Strauss, na radicalização do Militarismo e do fortalecimento de valores bélicos (*Warlike ideals*).

Entretanto, para Strauss, o niilismo alemão não é um niilismo absoluto, isto é, o desejo de destruição de tudo, inclusive de si mesmo, mas a destruição de algo específico da civilização moderna²⁰. Mas isso torna o niilismo alemão quase um niilismo absoluto, pois embora o niilismo alemão fosse, por assim dizer, um tipo limitado de niilismo, sua negação da civilização moderna não é guiada ou acompanhada por nenhuma concepção positiva clara²¹. O problema ou o mal-estar que gera o niilismo alemão é um problema de caráter moral²². Sendo assim, o moralismo é um sintoma preponderante e decisivo dos discursos totalitários, como o próprio Strauss explica na seguinte passagem:

O niilismo alemão deseja a destruição da civilização moderna como tal a civilização tem um significado moral. Como qualquer um sabe, ele não faz muita objeção aos artifícios da técnica moderna. Este significado moral da civilização moderna ao que os niilistas alemães se opõem, é expresso em formulações tal como estas: para socorrer o estado de homem; ou: para salvaguardar os direitos do homem; ou: a maior felicidade possível do maior número possível. Qual é o motivo subjacente do protesto contra a civilização moderna, contra o espírito do ocidente, e em particular do ocidente anglo-saxão²³?

Apresentado tal questionamento, o fator a ser levantado e melhor esclarecido a partir daqui é então: por que o Ocidente seria um inimigo maior a ser destruído? Ora, para Strauss:

A resposta deve ser: é um protesto moral. Este protesto procede da convicção que o internacionalismo inerente à civilização moderna, ou, mais precisamente, que o estabelecimento de uma sociedade perfeitamente aberta como é a meta da civilização moderna, e, portanto, todas as aspirações dirigidas em direção a esta meta, são irreconciliáveis

¹⁹ Ibidem, p. 357.

²⁰ Ibidem, p. 357.

²¹ Ibidem, p. 357.

²² Ler sobre isso: SHELL, Susan, "To Spare the Vanquished and Crush the Arrogant": Leo Strauss's Lecture on "German Nihilism". In Smith, Steven B. (ed.), *The Cambridge companion to Leo Strauss*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 171-192.

²³ Ibidem, p. 358. "German nihilism desires the destruction of modern civilisation as far as modern civilisation has a moral meaning. As everyone knows, it does not object so much to modern technical devices. That moral meaning of modern civilization to which the German nihilists object, is expressed in formulations such as these: to relieve man's estate; or: to safeguard the rights of man; or: the greatest possible happiness of the greatest possible number. What is the motive underlying the protest against modern civilisation, against the spirit of the West, and in particular of the Anglo-Saxon West?" (Tradução livre).

com as demandas básicas da vida moral. O protesto procede da convicção que a raiz de toda vida moral é essencialmente e, portanto, eternamente a sociedade fechada; da convicção que a sociedade aberta está fadada a ser, se não imoral, no mínimo amoral: o lugar de encontro dos perseguidores do prazer, do lucro, do poder irresponsável, de fato de qualquer tipo de irresponsabilidade e falta de seriedade.²⁴

Dito isto, percebe-se que ao ver de Strauss o rechaço à cultura ocidental constrói as bases de seu edifício a partir de um argumento de cunho moral. Nesse sentido, “o niilismo alemão é uma forma radicalizada de militarismo alemão”, mais precisamente, um conflito que apenas *a priori*, e de certa maneira, aparece como uma guerra de princípios e que paulatinamente se configura como um sentimento de amor à guerra. De fato, as emoções e os sentimentos gerados no âmago do povo pelos fatídicos acontecimentos relacionados à Guerra Mundial, ao vazio, e total falta de sentido característico do mundo pós-guerra parecem ter achado um terreno fértil para o cultivo da paixão pela destruição do mundo da forma que se apresentara. A paixão pelo novo e a ruptura com o passado, ou melhor, a destruição da tradição, para a construção de algo totalmente novo, um novo que teria como fim a redenção, o Estado perfeito, a paz. O preço por esse esplendor então foi visto como incomensurável e o meio só seria possível através das armas, através da guerra total. Nesse sentido, Strauss afirma que, indubitavelmente;

...ninguém poderia estar satisfeito com o mundo pós-guerra. A democracia liberal alemã de todas as descrições parecia para muitas pessoas ser absolutamente incapaz de lidar com as dificuldades com as quais a Alemanha foi confrontada²⁵.

Sendo assim, para Strauss uma atmosfera de desconfiança e incredulidade com relação a qualquer regime de aspiração democrática se tornara ainda mais forte com o passar do tempo e em virtude do abismo social em que Alemanha se encontrara. Ainda nesse mesmo sentido, essa atmosfera contribuiu diretamente, segundo Strauss, para o

²⁴ Ibidem, p. 358. “The answer must be: it is a moral protest. That protest proceeds from the conviction that the internationalism inherent in modern civilisation, or, more precisely, that the establishment of a perfectly open society which is as it were the goal of modern civilisation, and therefore all aspirations directed toward that goal, are irreconcilable with the basic demands of moral life. That protest proceeds from the conviction that the root of all moral life is essentially and therefore eternally the closed society; from the conviction that the open society is bound to be, if not immoral, at least amoral: the meeting ground of seekers of pleasure, of gain, of irresponsible power, indeed of any kind of irresponsibility and lack of seriousness”. (Tradução Livre)

²⁵ Ibidem, p. 359. “No one could be satisfied with the post-war world. German liberal democracy of all descriptions seemed to many people to be absolutely unable to cope with the difficulties with which Germany was confronted”. (Tradução livre)

surgimento de um profundo preconceito, ou para a confirmação de um profundo preconceito já existente contra a democracia liberal²⁶. Diante deste cenário, duas alternativas à democracia liberal foram abertas: a primeira aparentemente pretendia retornar a um contexto pré-guerra; a segunda, por outro lado, via nos acontecimentos do presente o prenúncio da revolução, ou o caminho rumo à revolução, uma consequente e inevitável nova guerra mundial. Com efeito, esta segunda alternativa pareceu mais interessante ao povo alemão, na medida em que estava sustentada numa crença já envelhecida em “um levante do proletariado e dos estratos proletários da sociedade, que conduziria ao desaparecimento do Estado, à sociedade sem classes, à abolição de toda exploração e injustiça, à era da paz final”²⁷. Portanto, “foi essa perspectiva, pelo menos tanto quanto o presente desesperado, que conduziu ao niilismo”²⁸.

Neste contexto, “a perspectiva de um planeta pacificado, sem opressores e oprimidos, de uma sociedade devotada à produção e consumo apenas”²⁹, foi amplamente acreditada, mas não como processo paulatino e sim para já, a partir da crença de que isso podia ser construído aqui e agora se tornou predominante para grande parte da juventude alemã, certamente pelo fato de estarem os jovens preocupados com suas próprias posições social e econômica³⁰. Mas isso, por outro lado, gerou uma espécie de “ateísmo juvenil” no mundo tal como se apresentara, o que acabou por tornar as alternativas intoleráveis pelo jovem alemão. Com efeito, se, por um lado, a democracia liberal não inspirava confiança, Strauss explica que, por outro;

o que para os comunistas parecia o cumprimento do sonho da humanidade, parecia para os jovens alemães como a maior degradação da humanidade, como a vinda do fim da humanidade, como a chegada do último homem³¹.

Embora a juventude alemã não soubesse bem o que queriam construir no lugar do presente, ela estava compelida a destruir o mundo tal como era, levada por aquilo

²⁶ Ibidem, p. 359.

²⁷ Ibidem, p. 359-360. “...a rising of the proletariat and of the proletarianized strata of society which would usher in the withering away of the State, the classless society, the abolition of all exploitation and injustice, the era of final peace”. (Tradução livre)

²⁸ Ibidem, p. 360. “It was this prospect at least as much as the desperate present, which led to nihilism”. (Tradução livre)

²⁹ Ibidem, p. 360. “The prospect of a pacified planet without rulers and ruled, of a planetary society devoted to production and consumption only...” (Tradução livre)

³⁰ Ibidem, p. 360.

³¹ Ibidem, p. 360. “What to the communists appeared to be the fulfilment of the dream of mankind, appeared to those young Germans as the greatest debasement of humanity, as the coming of the end of humanity, as the arrival of the latest man”. (Tradução livre)

que Strauss nomeia como “onda do futuro” (*wave of the future*) – mesmo que a ideia de futuro não fosse nada clara ou talvez nem mesmo existisse.

Para Strauss, o que está em jogo é o fato de que a juventude alemã não acreditava mais na possibilidade dos instrumentos políticos e ideológicos de seu tempo, por que foram, de fato, instrumentos forjados pelos homens velhos. A emancipação dos jovens é uma característica central da Alemanha pós-primeira guerra. E se o idealismo alemão caminhou em direção ao teísmo ou ao panteísmo, nesse novo momento essa juventude será tomada por um sentimento ateuista. Segundo Strauss, isso se dá pela influência radical do pensamento de Schopenhauer e, sobretudo, de Nietzsche, sobre a mente do jovem alemão do período pós-primeira guerra. Nesse sentido, o próprio Strauss faz a seguinte colocação: “Schopenhauer foi, no meu conhecimento, o primeiro filósofo alemão não materialista e conservador que professou abertamente seu ateísmo”³². No entanto, para Strauss a influência de Schopenhauer em nada se compara com o poder e o fascínio exercido pelo pensamento de Nietzsche sobre parte da juventude alemã³³. Ora, segundo Strauss; “Nietzsche afirmou que a aceitação ateuista não é reconciliável com, mas indispensável para, uma política antidemocrática, antissocialista e antipacifista: de acordo com ele, toda crença comunista é apenas uma forma de teísmo, de crença na providência”³⁴.

Mas como sabemos, Nietzsche já estava morto há algumas décadas. No entanto, o sucesso e a propagação de suas ideias dependia da explicação dos grandes professores da época, (e, em alguns casos específicos, de sua deturpação) não menos que nomes como os de Spengler, Moeller van den Bruck, Carl Schmitt, Ernst Junger e Heidegger, entre outros, segundo Strauss teriam aberto de forma consciente ou não, um caminho para Hitler³⁵. Diante disso, o nazismo surgiu como resposta ao vazio radical vivido por uma juventude niilista. Um fio de esperança que seria anunciada por um céu nebuloso e obscuro, seguido de uma tempestade devastadora que seria semelhante ao fim do mundo, mas que na verdade deveria ser compreendida como o fim de uma era.

³² Ibidem, p. 361. “Schopenhauer was, to my knowledge, the first non-materialist and conservative German philosopher who openly professed his atheism”. (Tradução livre)

³³ O próprio Strauss em suas correspondências com Karl Löwith fala sobre seu fascínio pela obra de Nietzsche quando jovem, afirma que entre seus 20 e 30 anos de idade foi “enfeitiçado” pelas palavras daquele homem, chegando a acreditar em tudo que conseguia entender de Nietzsche. Cf. Leo Strauss to Karl Löwith, 23 June 1935, in —Correspondence of Karl Löwith and Leo Strauss, trans. George Elliot Tucker, *Independent Journal of Philosophy* 5/6 (1988): 182–83.

³⁴ Ibidem, p. 361-362. “Nietzsche asserted that the atheist assumption is not only reconcilable with, but indispensable for, a radical anti-democratic, anti-socialist, and anti-pacifist policy: according to him, even the communist creed is only a secularized form of theism, of the belief in providence”. (Tradução livre)

³⁵ Cf. Ibidem, p. 362.

Com efeito, explica Strauss que “se o niilismo é a rejeição dos princípios da civilização como tal, e se a civilização é baseada no reconhecimento do fato que o sujeito da civilização é o homem como homem, toda interpretação da ciência e moral em termos de raça, ou nações, ou de culturas é estritamente niilista”³⁶. De fato, ela estará sempre dentro de um contexto histórico relativo, e determinado por vários fatores, quais sejam: local, época e os desenvolvimentos de cada cultura. Portanto, o que Strauss tenta mostrar é que há uma distinção entre dois tipos de niilismo: o niilismo em geral e o niilismo alemão. O niilismo em geral rejeita os valores humanos, a civilização como um todo; o niilismo alemão, por sua vez, rejeita o ideal moderno de civilização, rejeita um tipo específico de civilização³⁷, por isso, acredita na guerra, crença esta alimentada por um *pathos* salvífico. De fato, o niilismo alemão rejeita os princípios da civilização tal como é em favor da guerra e da conquista, em favor das virtudes guerreiras. O niilismo alemão é, portanto, parente do militarismo alemão³⁸.

A Ciência Política Moderna e a “Tiranía de nossos tempos”

De acordo com Strauss, a ciência política moderna é niilista porque abandonou o seu objetivo normativo mais alto: de fato, o seu caráter deontológico morreu com os antigos, os quais foram acusados pelos pensadores modernos de serem demasiados utópicos ou, se se preferir, ingenuamente românticos. Isso significa que a ciência política morreu quando abdicou da exigência de refletir seriamente sobre o melhor regime e sobre a necessidade de se buscar racionalmente a verdade acerca do bem, do justo e do belo. Portanto, a ciência política morreu quando abdicou da tarefa de legislar para apenas descrever. Em outras palavras, a ciência política moderna abandonou o ideal antigo e sua busca pelo “dever ser” e pelas virtudes para se limitar a dizer “o que é”. Tal postura supostamente mais realista surge já no tempo da renascença: segundo Strauss, é com Maquiavel, de fato, que brotam as raízes do plano político moderno³⁹. Porém, mesmo sendo o autor de *O Príncipe* o responsável direto por uma negação radical da filosofia

³⁶ Ibidem, p. 366. “If nihilism is the rejection of the principles of civilisation as such, and if civilisation is based on recognition of the fact that the subject of civilisation is man as man, every interpretation of science and morals in terms of races, or of nations, or of cultures, is strictly speaking nihilistic”. (Tradução Livre)

³⁷ Cf. Ibidem, p. 367.

³⁸ Ibidem, p. 369. “German nihilism rejects then the principles of civilisation as such in favor of war and conquest, in favor of the warlike virtues. German nihilism is therefore akin to German militarism”. (Tradução Livre)

³⁹ Cf. STRAUSS, L. *What is Political Philosophy? And Other Studies*, p. 40.

política tal como era concebida por Platão e Aristóteles, é Hobbes o grande mentor intelectual da modernidade, uma vez que é Hobbes que, aplicando o método matemático à filosofia política, elevou a filosofia política ao status de ciência em sua acepção moderna.

De fato, para Strauss, a filosofia política moderna possui suas bases na exatidão matemática, isto é, num conhecimento indiferente às paixões humanas. Porém, a opinião quase sempre possui sua origem em alguma paixão humana, e, por ser assim, a filosofia política a partir da modernidade teria se tornado incapaz de refletir sobre as coisas políticas no seu âmbito mais originário, que é justamente o âmbito da opinião. Segundo Strauss, isso explicaria por que a filosofia política moderna teria se tornado incapaz de compreender, entre outras coisas, o fenômeno da tirania⁴⁰. Esse fato justificaria, talvez, a insistência de Strauss em seu movimento de retorno aos pré-modernos: a seu ver, a ciência política tradicional possui elementos que possibilitam uma melhor compreensão do fenômeno da tirania, já que o mundo antigo conviveu durante longos períodos e de forma distinta sob a égide desse tipo de regime. Isso é perceptível em sua obra *On Tyranny*⁴¹ (Sobre a Tirania), onde Strauss exerce uma leitura do Hieron de Xonofonte, referente ao diálogo entre o tirano Hieron e o poeta Simonides sobre a tirania, e mesmo sob a forma de um diálogo *elegant* é possível perceber que o objetivo de Strauss é refletir sobre a tirania do passado a fim de mostrar que a ciência política moderna não é capaz de compreender o fenômeno da tirania tal como ele se apresenta em nosso tempo, qual seja; a experiência totalitária. Como podemos perceber no comentário de Strauss:

Uma ciência social que não pode falar da tirania com a mesma propriedade com que a medicina fala, por exemplo, de câncer, não pode entender o fenômeno social tal o que ele é. Isto é, portanto não científico. A ciência social de nossos dias encontra-se nesta condição. Se for verdade que a ciência social atual é o resultado inevitável da ciência social moderna e da filosofia moderna, uma delas é forçada a pensar a restauração da ciência social clássica. Uma vez que nós aprendermos novamente com os clássicos o que é a tirania, nós seremos capacitados e compelidos a diagnosticar com as tiranias um número de regimes contemporâneos que aparecem no disfarce das ditaduras. Este diagnóstico pode apenas ser o primeiro passo em direção a uma análise

⁴⁰ Cf. STRAUSS, L. *A Filosofia Política de Hobbes: Suas bases e sua gênese*. Trad. Élcio de Gusmão Verçosa Filho. 1. Ed. – São Paulo: É Realizações, 2016, p.188 - 189.

⁴¹ STRAUSS, L. *On Tyranny*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

exata da tirania dos dias atuais, pois a tirania dos dias atuais é fundamentalmente diferente da tirania analisada pelos clássicos⁴².

Sendo assim, logo de partida, em primeiro lugar, Strauss aponta para um aspecto seminal, que é o fato de que a tirania antiga e a tirania moderna são distintas em essência, já que a perspectiva moderna de tirania tem como fundamentos precípuos o mito do progresso (ilimitado) e a conquista e dominação total da natureza, elementos que representam algo que se opõe diametralmente ao projeto de aprimoramento da vida e correção das sociedades proposto pelas ciências modernas. Eis por que Strauss vê no cientista social moderno uma figura vendada e incapaz de captar a essência mesma do que é a tirania. Sobre isso Strauss afirma que:

O fato de que existe uma diferença fundamental entre a tirania clássica e a tirania dos dias atuais, ou que os clássicos nem sonharam com a tirania atual, não é uma razão boa ou suficiente para abandonar a referência do sistema clássico. Pois este fato é perfeitamente compatível com a possibilidade que a tirania dos dias atuais encontra seu lugar dentro do sistema clássico, i.e., isto não pode ser compreendido adequadamente exceto dentro da estrutura clássica. A diferença entre a tirania dos dias atuais e a tirania clássica tem sua raiz na diferença entre a noção moderna de filosofia ou ciência e a noção clássica de filosofia ou ciência. A tirania dos dias atuais, em contradição a tirania clássica, é baseada no progresso ilimitado e na “conquista da natureza” que se tornou possível através da ciência moderna, assim como na popularização ou difusão do conhecimento filosófico ou científico⁴³.

Ora, embora *Sobre a tirania* seja apenas um comentário, o *insight* filosófico trazido por ele é fecundo e original, e se trata, por assim dizer, de uma crítica à maneira

⁴² STRAUSS, L. *On Tyranny*, p. 177. “A social science that cannot speak of tyranny with the same confidence with which medicine speaks, for example, of cancer, cannot understand social phenomena as what they are. It is therefore not scientific. Present-day social science finds itself in this condition. If it is true that present-day social science is the inevitable result of modern social science and of modern philosophy, one is forced to think of the restoration of classical social science. Once we have learned again from the classics what tyranny is, we shall be enabled and compelled to diagnose as tyrannies a number of contemporary regimes which appear in the guise of dictatorships. This diagnosis can only be the first step toward an exact analysis of present –day tyranny, for present-day tyranny is fundamentally different from the tyranny analyzed by the classics”. (Tradução livre)

⁴³ STRAUSS, L. *On Tyranny*, p. 177. “A social science that cannot speak of tyranny with the same confidence with which medicine speaks, for example, of cancer, cannot understand social phenomena as what they are. It is therefore not scientific. Present-day social science finds itself in this condition. If it is true that present-day social science is the inevitable result of modern social science and of modern philosophy, one is forced to think of the restoration of classical social science. Once we have learned again from the classics what tyranny is, we shall be enabled and compelled to diagnose as tyrannies a number of contemporary regimes which appear in the guise of dictatorships. This diagnosis can only be the first step toward an exact analysis of present –day tyranny, for present-day tyranny is fundamentally different from the tyranny analyzed by the classics”. (Tradução livre)

por meio da qual a ciência política moderna lida com o fenômeno do totalitarismo. Pois, para Strauss, a pretensão moderna de construção de uma república universal, um estado igualitário, livre das desigualdades, homogêneo e feliz, consiste na realidade na consolidação de uma tirania. Portanto, ainda na ótica straussiana, a ciência política moderna fez de sua utopia morada, e ao fazer isso, transformou a construção de seu paraíso um inferno de violência e destruição, movida por ideais de mundo que, de tão perfeitos, cegaram a razão, abrindo passagem para oportunistas sanguinários.

Em resumo, Strauss indica uma resposta indireta ao problema, se posicionando inclusive no contexto da filosofia política em relação ao problema da finitude e do esgotamento das formas políticas e ao fazer isso, preserva o termo tirania para descrever um fenômeno dos nossos tempos. Importante observar a aposta de Strauss de, por meio de uma análise, ou melhor, através da escuta atenta ao que os antigos têm a nos dizer, encontrar importantes ensinamentos sobre as tiranias antigas e modernas, valorizando o legado filosófico dos escritores do passado cujas obras permitem iluminar uma melhor compreensão daquilo que podemos nomear como “investidas tirânicas dos nossos tempos”.

Parece ter sido o esforço de Strauss nos fazer refletir acerca do perigo das promessas e dos mais lindos devaneios de redenção da razão humana, ou acerca das pretensões das ideologias de transformar este mundo na morada perfeita para os homens. De fato, como foi dito ainda na introdução deste ensaio, não era a intenção deste propor nem mesmo uma ínfima interpretação acerca dos acontecimentos funestos do breve mas conturbado século XX. Talvez não fosse apresentado algo de realmente novo e original, quase certamente que não. No entanto, por outro lado, o *insight* de Strauss que deve ser colocado aqui no cerne da discussão é que este filósofo, vivendo em plena guerra em seu exílio nos EUA, conseguiu nos presentear com uma profunda reflexão de sobriedade incrível, encarando os fatos políticos catastróficos do século XX em seu alto grau de complexidade e amplitude.

Nesse sentido, devemos meditar acerca da necessidade de estarmos sempre em alerta frente ao perigo da crença na política como esperança, do risco sorrateiro que rodeia e está sempre à espreita dos discursos de caráter salvífico de forte apelo messiânico. Em outras palavras, essa crença que sempre retorna nos momentos mais difíceis e que usa o grande clamor popular como instrumento de manobra para legitimar suas “melhores intenções” e funciona muitas vezes como uma espécie de guia das

multidões que, sedentas por justiça e igualdade, marcham rumo a um futuro próspero de paz para todos os povos.

De fato, é a partir da memória dos acontecimentos do passado que devemos estar conscientes do perigo de tais promessas, sempre forjadas com um alto teor racionalista. Com isso, seremos capazes de manter a desconfiança em relação aos fantasmas da história, lembrando que as grandes tragédias possuíam quase sempre por trás de si fortes evidências de sua benevolência baseada e garantida pela razão. É para o que nos alerta Roger Scruton de forma bastante contemporânea, quando nos lembra que “a liquidação dos *Kulaks* foi justificada pela ‘ciência marxista’, as doutrinas racistas dos nazistas foram propostas como eugenia científica, e ‘O Grande Salto para o Futuro’ de Mao Tsé Tung foi considerado a simples aplicação de leis comprovadas da história”⁴⁴. Ora, esses são alguns dos muitos acontecimentos catastróficos que foram legitimados, escolhidos e executados em nome da razão.

Em suma, o que Strauss tenta tornar patente, por meio de uma reflexão densa e rigorosa, é, de fato, o perigo que nos espreita quando a crença na razão se torna edificante e pretende se fazer construtora de um mundo melhor, ou, ainda, o risco contido na transformação da visão fria do especialista em guia de uma sociedade. Em outras palavras, trata-se da tentação do otimismo racional que se aventura a prometer aquilo que a racionalidade filosófico-científica em essência não é capaz de produzir⁴⁵, a saber: paz e igualdade entre os homens, se convertendo no contrário, ao mostrar seu lado sombrio e seu elã destruidor. Em última análise, Strauss, apesar de ter toda sua família totalmente destruída e sua vida quase ceifada de forma violenta e prematura, não se preocupou em apontar culpados, evitando a ordinária *reductio ad Hitlerum*, (tão comum entre sociólogos, historiadores e psicólogos de nossa época), mas tentou entender, antes, quais os elementos e atores foram necessários para que a razão se tornasse autodestrutiva. Inequivocamente, é necessário observar o passado e estarmos atentos ao fato de que sempre que alguém ou alguma classe social afirmou saber o caminho do melhor, estava ali a se desvelar a face horrenda de uma nova tirania.

⁴⁴ SCRUTON, R. *As Vantagens do Pessimismo: e o perigo da falsa esperança*. Trad. Fábio Faria. 1 Ed. São Paulo. É Realizações, 2015, p. 8.

⁴⁵ Para Strauss, o conhecimento filosófico possui em si um caráter corrosivo e subversivo, destruidor de todas as verdades morais e tradições, sendo então incapaz de trazer paz e felicidade aos homens. Pelo contrário, a filosofia possui um caráter perturbador e inquietante por desvelar toda falta de sentido da existência humana, tornando, assim, essa vida algo de insuportável para a maioria dos homens e, sobretudo, tornando impossível a manutenção da ordem civil. Sobre isso, ler o que Strauss diz em: STRAUSS, L. *Liberalism Ancient and Modern*. University of Chicago Press Edition 1995, p. 83-85.

Referências

- BLOOM, A. “Leo Strauss: September 20, 1899 – October 18, 1973”. *Political Theory* v. 2, no. 4 (1974), p. 372-392.
- DRURY, S. *The Political Ideas of Leo Strauss*. Updated Edition. Lexington: Palgrave Macmillan, 2005 (1987),
- JACOBI, Friedrich Heinrich. *Cartas a Mendelssohn / David Hume / Carta a Fichte*. Trad. José Luis Villacañas. Barcelona: Círculo de Lectores, 1996.
- ROSEN, Stanley. Leo Strauss and the Problem of the Modern. In Smith, Steven B. (ed.), *The Cambridge companion to Leo Strauss*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- SCRUTON, Roger. *As Vantagens do Pessimismo: e o perigo da falsa esperança*. Trad. Fábio Faria. 1 Ed. São Paulo. É Realizações, 2015.
- SHELL, Susan. “To Spare the Vanquished and Crush the Arrogant”: Leo Strauss’s Lecture on “German Nihilism”. In Smith, Steven B. (ed.), *The Cambridge companion to Leo Strauss*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- STRAUSS, Leo. *A Filosofia Política de Hobbes: Suas bases e sua gênese*. Trad. Élcio de Gusmão Verçosa Filho. 1. Ed. – São Paulo: É Realizações, 2016.
- _____. *An Introduction to Political Philosophy: Ten essays by Leo Strauss*. [Ed. Hilail Gildin]. Detroit: Wayne State University Press, 1989.
- _____. Leo Strauss, “Correspondence,” *Independent Journal of Philosophy* 5–6 (1988)
- _____. *Liberalism Ancient and Modern / Leo Strauss*; foreword by Allan Bloom. University of Chicago Press Edition 1995.
- _____. *Natural Right and History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971 (1953). Tradução para o português Brasileiro de Bruno Costa Simões: *Direito Natural e História*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- _____. *On Tyranny*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- _____. *Persecution and The Art of Writing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988 (1952). Tradução em português Brasileiro de Hugo Lagone: *Perseguição e a arte de escrever: e outros ensaios de filosofia política / Leo Strauss*; . – 1. Ed. – São Paulo: É Realizações, 2015.
- _____. *The City and Man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992 (1964)
- _____. *What is Political Philosophy?* Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- VILLA, D. The Philosopher versus the Citizen: Arendt, Strauss, and Socrates. In: VILLA, D. *Politics, Philosophy, Terror*. Princeton: Princeton University Press, 1999. pp. 155-179.

